

# O cinema brasileiro é o Jason

por Jacob Coraza

O que é o Renascimento do Cinema Brasileiro? Uns dizem que foi a retomada da produção nacional de filmes depois da ressaca Collor. Outros acham que é um movimento artístico. Já outros – ou os mesmos, quando é gente um pouco mais confusa – tratam o RCB como se fosse toda a cinematografia nacional dos anos descolloridos. E ainda tem os que acham que isto de Renascimento nunca existiu. A expressão foi cunhada pela imprensa e já teve todos os tipos de significado desde 1995, quando tudo começou. Aqui, vamos chamar de RCB. Nos nossos jornais e revistas tudo vira sigla, FHC, ACM (um tipo de carne), porque não RCB?

A Veja – a revista da família – acha que a expressão é um exagero, que o RCB é uma fantasia da intelectualidade e dos cineastas, que os filmes dessa safra são uma porcaria e que o brasileiro está pagando por uma indústria que não tem como se sustentar de pé, de tão ruim e cheia de salafriários que é. Toda essa sujeira, diz a senhora revista de nome imperativo, é justificada com o “Renascimento”, que teria um certo apelo católico de ressurreição e também um sentido meio romântico de retomada da qualidade artística do passado (entenda-se Cinema Novo). “Isso é coisa que os cineastas botaram na nossa cabeça”, diz a Veja, em matéria de seis páginas no dia 30 de junho deste ano. Na verdade, a expressão surgiu na imprensa, em 1995, e diretores e produtores de cinema tratavam o assunto com muita cautela nas entrevistas. Deslumbramento, mesmo, existia por parte

dos estrangeiros – organizadores italianos de mostras sobre cinema do terceiro mundo, jornalistas franceses, cineastas brasileiros que fugiram da raia. “Rá! Agora com o Renascimento vou voltar e fazer altos filmes!” Para a imprensa era o que faltava: descobrir tendências, dar-lhes nomes, exaltar o momento econômico (Real) e babar ovo para a legítima – agora, sim! – arte nacional de filmes. E a Veja, como boa Maria, foi atrás – junto com a maioria dos veículos de comunicação. Estou mentindo? Ó: “O *Quatrilho* tornou-se um símbolo do renascimento da arte no país, com sua envergadura cinematográfica de primeiro mundo” (Veja São Paulo, julho de 1997). Essa, então, vai pros anais (da criatividade): “O cinema nacional é um ser que, como o personagem Jason de *Sexta-Feira 13*, é freqüentemente dado como morto, mas, quando menos se espera, acaba ressuscitando. Os números provam que o ano passado foi de renascimento” (Veja, fevereiro de 1996). E assim vai.

No início, a imprensa descobriu que o cinema estava renascendo devido ao sucesso de *Carlota Joaquina* e *O Quatrilho*. O significado mais comum adotado nesta época era, ao pé da letra, “a retomada da produção de filmes no Brasil”. Seguiu-se um período de euforia, com preocupações do tipo: “Será que o governo FHC vai destruir sua maior vitória cultural – o ressurgimento glorioso do cinema brasileiro, aqui e no mundo?” Alguns jornais falavam em *boom* do cinema. Vão dizer que é coincidência, mas neste período a

popularidade de Fernando Henrique estava no auge. 70% de aprovação.

A partir de 1997, como a imprensa não conseguia classificar a produção – não envergava as tendências de que tanto precisa – começou a entrar em contradição, usando o RCB a torto e a reto. O Renascimento do Cinema Brasileiro virou uma entidade, responsável pela debandada dos atores de novela para os longa-metragens. O RCB era também um movimento artístico, que não devia ser maculado por produções “bregas”: o filme de Carla Perez, por exemplo, era “uma produção musical de sórdido oportunismo que nada tem a ver com o renascimento do cinema brasileiro”. Essa pérola saiu de um texto da Folha de S. Paulo de setembro de 1998. Beleza, não? O autor é Leon Cakoff. Muita gente boa caiu nessa. Os jornalistas e críticos mais conscientes lidavam com a expressão com uma certa autocrítica, como fez Luiz Carlos Merten, do Estado de S. Paulo. Em seus textos, Merten colocava em dúvida se o fenômeno que se verificou com os incentivos da lei do audiovisual podia mesmo ser considerado um “renascimento”. As reportagens do dia a dia do Estadão, no entanto, seguiam no mesmo tom que no resto da imprensa: “Com o sucesso da Lei do Audiovisual e o conseqüente renascimento do cinema no País, [o produtor Antonio Galante] resolveu retornar à atividade.” (abril de 1998).

Neste período que se estendeu de 1997 a 1998, a imprensa tropeçava no conceito do “renascimento” e o governo federal caía nas

pesquisas (54% de aprovação popular). Entre outras iniciativas para tentar uma reação, o presidente assinou uma medida provisória ampliando os incentivos fiscais para quem investisse em "cultura". No discurso, Fernando Henrique toma para si e seu ministro o mérito de fazê-la renascer. "Francisco Weffort tem se esmerado em me convencer a investir no setor para possibilitar o renascimento da cultura", dizia FHC. (Não vou sequer discutir aqui o que eles consideram cultura. Com certeza não é *hip-hop*, nem *axé music*, nem *Trapalhões*).

No início de 1999, a aprovação do governo estava em 35%, logo após o estouro da moeda milagrosa, aquela que possibilitou o RCB. Terminar filmes se tornou mais difícil, a concorrência desleal das produções norte-americanas (que são vendidas em pacotes na proporção de uma boa para dez ruins) continuou e o RCB, que já não era um conceito bem resolvido na mente dos jornalistas, virou uma decepção. Mais uma criação da imprensa que acabava sendo destruída pelo próprio criador, depois que sua função de engrandecimento da situação política caía por terra. A popularidade de FHC chegava a apenas 26% em julho de 1999 e a "cultura" que seu governo fez renascer tinha que, consequentemente, definhava da mesma forma... Além disso, o que os jornalistas queriam mesmo era ter assunto com uma vitória do cinema no Oscar. Mas os filmes brasileiros não levaram na primeira, nem na segunda, nem na terceira... E – pecado para os tem-

pos neo-liberais – não davam o dinheiro que os *hollywoodianos* dão.

Essa foi a trajetória do Renascimento do Cinema Brasileiro na imprensa, acompanhando a imagem que o governo e a situação sócio-política tinham junto à população. E, engraçado, apesar das variações na economia causarem um clima de pessimismo, não é o governo e suas ações que são bombardeadas com artigos e editoriais, mas seus frutos como o RCB e as empresas de telefonia privatizadas, que no passado eram consideradas do bem.